

As Faces do Diabo: os “rostos” por trás das máscaras¹

Faces of the Devil: the faces behind the masks

Davi Silva Franco  

davisttinsson@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará - UECE/FAFIDAM

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir a forma como, historicamente, as faces do diabo foram construídas, ou seja, como novos sentidos passaram a serem a ele atribuídos. Para tanto, o trabalho foi dividido em três breves tópicos. No primeiro, buscamos lançar um olhar sobre as representações do mal no mundo antigo, em religiões que antecedem o cristianismo. No segundo tópico, veremos o papel que o diabo assume segundo o roteiro bíblico cristão, entendido como um elemento fundamentalmente necessário para antagonizar com o bem (Deus), construindo os limites entre o bem e o mal. No terceiro tópico, exploraremos as representações imagéticas do diabo, cujas faces horrendas, pintadas em telas, passaram a compor uma parte importante do imaginário dos sujeitos, uma espécie de apelo aos olhos para que a face do “tenebroso” personagem passasse a ser lembrada.

PALAVRAS-CHAVE

Diabo. Igreja católica. Imaginário.

ABSTRACT

This article aims to discuss the way in which, historically, the devil's faces were constructed, that is, how new meanings came to be attributed to him. To this end, the work was divided into three brief topics. In the first, we seek to take a look at the representations of evil in the ancient world, in religions that predate Christianity. In the second topic, we will see the role that the devil assumes according to the Christian biblical script, understood as a fundamentally necessary element to antagonize good (God), building the limits between good and evil. In the third topic, we will explore the image representations of the devil, whose hideous faces, painted on canvas, began to form an important part of the subjects' imagination, a kind of appeal to the eyes so that the face of the “dark” character would come to be remembered.

KEYWORDS

Devil. Catholic Church. Imaginary.

Submetido em:
10/06/2023

Aprovado em:
14/10/2023

Publicado em:
08/12/2023

¹ O presente artigo é fruto das reflexões desenvolvidas em minha pesquisa monográfica que teve por título: AS FACES DOS DIABO: DO DISCURSO TEOLÓGICO MEDIEVAL, AO IMAGINÁRIO RELIGIOSO EM SÃO JOÃO DO JAGUARIBE (2023), orientada pelo Prof. Dr. José Olivenor Souza Chaves.

1 MIL NOMES DO DIABO NA HISTÓRIA

Se projetarmos sobre a História um olhar panorâmico, fácil será aferirmos que muitas das sociedades que se estabeleceram no mundo, em diferentes recortes espaço-temporais, tinham algo muito em comum, a necessidade de exteriorizar a sua visão do mal, de projetar o mal em determinadas figuras, grupo de pessoas ou práticas.

Assim, se prestarmos bem atenção, alguns nomes são de nosso conhecimento, “seres”, por assim dizer, “renomados” que, de alguma forma, ocuparam esse cargo de representação¹ exterior do mal. Laurent Vissière (2008), na revista “História Viva ‘Sob a sombra do Diabo’”,² reúne uma boa lista desses nomes: Anticristo, Asmodeu, Baal, Belzebu, Belfegor, Beemot, Demônio, Lúcifer, o Maligno, Mefistofeles, Pã, Pazuzu, Príncipe da trevas, Satã, o Tentador

O fato é que, quando se fala desses obscuros e misteriosos seres, os sentimentos despertados são o da aversão e repulsa. Passeando por esses jardins de trevas, onde poderemos encontrar tantos frutos da imaginação humana, não se poderia, de maneira alguma, deixar de notar Lúcifer, ou, o diabo, como sendo “ele” o primogênito da rebeldia, o príncipe desses horrendos quintais trevosos, antiga serpente e verdugo dos condenados. É provável que seja a criatura mais elusiva, mais ramificada e mais cheia de sentidos presente na mentalidade do ocidente

Junto com a sociedade humana, as representações do Diabo também foram se transformando, pois, para justificar os discursos da Igreja, gradualmente, o mal foi assumindo novos cursos. À medida que grupos ou práticas surgiam e apresentavam uma ameaça ao *ethos* dominante da moral cristã, o diabo ganhava uma nova máscara, um novo sentido que justificasse à nova realidade atrelada à sua imagem.

Por fim, para a delimitação desse ser maligno, é importante ter em vista um fator fundamental: a visão do Diabo por parte da religiosidade popular não se traduz na pregação oficial eclesial. As dificuldades de transmissão dos ideais cristãos para a população será fator determinante para que as práticas cotidianas fossem norteadas muito mais pela tradição hereditária, pagã, do que pela bíblia em latim da igreja. Portanto, o Diabo é um ser sincrético, formado com base nas diversas contribuições das diferentes crenças, em diversos tempos históricos. Cada um desse tempo será marcado pelo Demônio que condiz com a realidade prática do pensamento religioso. Seja submisso a Deus ou Antagonista dele, Satã corresponde às particularidades e contradições da própria sociedade, agindo como complementação ao próprio Deus, hora fortalecendo-o como onipotente, hora combatendo-o como inimigo (GOMES, 2018, p. 30).

Assim, percebemos que a Igreja Católica foi, aos poucos, se apropriando das influências ditas pagãs. Isso irá ficar muito visível nas obras de artes em que o diabo passou a ser imgeticamente representado, muitas destas produzidas a mando da própria Igreja Católica. As artes foram a principal ferramenta utilizada para a construção da “identidade” do Diabo, pois a projeção imagética é muito forte no nosso subconsciente. Assim, a memória imagética não só mobiliza o coração com sensações de horror, como, também, projetava horror aos olhos. As imagens, portanto, passavam a compor o lado

1 Nos apropriaremos deste conceito para essa pesquisa segundo as elaborações de Chartier e Bourdieu que entendem as representações como construções sociais das experiências históricas, em que os indivíduos e os grupos projetam suas visões de mundo.

2 Revista produzida pela História VIVA e publicada pela editora Duetto em 2008, faz parte de uma série de revistas chamada: grandes temas.

mais repugnante das memórias dos sujeitos, pois os fazia sempre lembrar o horror que era o Diabo em suas mais variadas expressões.

O diabo, não em sua forma ontológica, mas como um componente antagonista ao bem supremo, no contexto da religiosidade popular, atingem seu ápice de influência e poder durante o medievo, período no qual as pessoas parecem mais temer o Diabo e seu reino do mal. Entretanto, tal temor se dar dentro de uma lógica contraditória, pois, embora o indivíduo tema o diabo, este se faz cada vez mais presente através dos pensamentos e sentimentos alimentados pelas pessoas. Assim, em boa medida, as vontades, desejos e atitudes cotidianas parecem estar impregnadas de pecado, ou seja, da presença do diabo.

Nos enredos do livro de Apocalipse não se sabe, ao certo, se todos esses seres, que se rebelaram com o Diabo, que antes anjos, agora chamados de demônios, servem exclusivamente a ele. O fato é que muitos deles agem de forma independente, aparecendo como deuses de diferentes nações, nas quais recebem adoração. São estes que os próprios registros bíblicos, do antigo testamento, chamam de falsos deuses, ídolos e deuses estrangeiros: “Porque todos os deuses dos povos são ídolos; porém o Senhor fez os céus” (1 CRÔNICAS 16:26).

Segundo Lima (2012), a presença do diabo nas sociedades, ditas clássicas, nos explica como essa figura se estabeleceu no imaginário dos sujeitos, principalmente na mente daqueles que viveram o período medieval. De acordo com o citado autor, esse personagem medonho e tão cheio de significados foi fertilizado no sincretismo da cultura pagã, pois fora mais fácil, para o trabalho de “evangelização” efetuado pela Igreja Católica, trazer elementos dessas outras culturas, amalgamando-as ao cristianismo, do que conflitar com tais crenças. Dessa forma, os saberes eclesiásticos, muitas vezes, tornavam-se turvos dentro do universo mágico popular. Porém, podemos inferir que, mais fácil do que transmitir os conhecimentos eclesiásticos, era fundir figuras malignas de outras culturas ao grande receptáculo do mal do ocidente, ou seja, ao príncipe das trevas que ganhava, assim, cada vez mais, sentidos, símbolos e rostos.

Para ocasião deste trabalho, citarei apenas dois exemplos de representações do mal da antiguidade, os quais posteriormente teriam seus atributos usurpados pelos artistas para compor as faces do diabo.

Ao analisarmos os arquétipos do diabo, o primeiro ganhará sentido na representação do mal na antiga Mesopotâmia, uma das mais heterogêneas culturas da antiguidade. Nesta civilização conhecemos a figura de “Sataran”, o deus serpente, cujos atributos nos fazem lembrar o nosso personagem ocidental. Mas, foram outros deuses mesopotâmicos que, de fato, ocuparam esse “cargos” do mal, o mesmo que viria a ser tão fortemente ocupado por Lúcifer.

Ainda com base na tradição mesopotâmica, temos a presença do Diabo na Epopéia de Gilgamesh, o poema mais antigo da humanidade, escrito por volta do século XXII a. C., em pleno apogeu acádio. Nele, o diabo desempenha um papel polivalente, na complexa e atormentada figura de Enkidu, assumindo pela primeira vez a culpa dos homens. Alguns temas importantes da história do mundo e do Diabo são mencionados nesse poema, dentre eles: o par de demiurgos, o dilúvio universal, a árvore do conhecimento, a tentação, o pecado, o elixir da vida eterna etc (LIMA, 2012, p. 6).

Da mesma maneira que a cultura e os pensamentos cristãos foram moldadas a partir de heranças também gregas, o diabo herdaria forte características de duas representações da religião politeísta grega: Hades e Prometeu.

Hades exerce a face de liderança das forças do mal, pois este, muitas vezes, não era nomeado, por medo de despertar-lhe a ira. Hades reinava absoluto no tártaro, lugar esse absolutamente insondável nas profundezas mais intermináveis, o qual era temido até pelos próprios deuses. Para lá, muitos que cometeram crimes contra o olimpo foram banidos por Zeus (representação do bem, deus primário do olimpo e dos céus). O tártaro era, portanto, o pior lugar que a imaginação pudesse conceber, o que muito lembra a ideia de inferno e seus sofrimentos escatológicos, o qual foi, discursiva e imagetivamente, construído pela Igreja Católica ao longo do período medieval.

Segundo a História, Prometeu havia roubado a chama, o fogo civilizador, algo que mudaria completamente a condição de vida humana. Mas, ao fazer isso, foi, por Zeus, cruelmente castigado, amaldiçoado e acorrentado a um penhasco, tendo sido, portanto, condenado até a eternidade, para que servisse de exemplo para outros deuses que, eventualmente, pensassem em contrariar Zeus. Nesse conflito, Prometeu assume uma posição de pujante rebeldia contra o império celestial dominante, a ponto de se levantar contra ele, assim como fizera a representação do Diabo ocidental. E, assim, como este, o primeiro foi, também, expulso e condenado por suas ações.

Dessa forma, conhecendo melhor outros que ocuparam o mesmo cargo do mal que Lúcifer viria a ocupar de maneira tão homogênea no período medieval, vemos muitas das características do Diabo já presentes em outras culturas que não o conheceram de fato. Mas, isso não se deu ao acaso, pois foram tantas máscaras dualistas, construídas e amalgamadas em um único personagem, que ele se perde em seu próprio sentido.

O bem, entendido como instância superior na qual Deus é o símbolo máximo, necessita de um antagonista para que faça sentido em si mesmo. Isto é, sem o mal, não poderíamos estabelecer o que é certo ou errado, pois o próprio limite epistemológico da consciência humana estaria desconstruído (GOMES, 2018, p. 12).

Entender esse personagem no imaginário cristão, significa entender como ele, tão fortemente, se estabeleceu no imaginário ocidental, sobretudo no âmbito da cultura religiosa popular, através do medo presente no cotidiano dos sujeitos. Desta forma, poderemos vislumbrar como o Diabo, no período medieval, através do discurso religioso, operou seu reinado de horror.

2 O ROTEIRO CRISTÃO E O PAPEL DO DIABO

Para historiar a configuração do mal, projetada sobre o diabo, precisaremos examinar os discursos que delegaram a sua metamorfose, fazendo-o assumir diferentes faces, através das quais transitava entre limites que iam do bem ao mal.

No Velho Testamento encontramos vários indícios de que o diabo não é um inimigo de

Deus e dos céus, pelo contrário, era seu cúmplice. Tomemos a história de Jó,³ pois, logo no primeiro capítulo, o diabo parece ter um lugar no espaço celestial, ou, pelo menos, tem permissão para adentrar os espaços celestiais, pois, quando os anjos vêm se apresentar a Deus, satanás vem junto com eles (aqui satanás não é o diabo, inimigo de Deus).

Entendemos essa narrativa dentro de uma grande diferença entre dois personagens, Satanás, do Antigo Testamento, e o diabo, do Novo Testamento, que ganhará novos sentidos a partir dos discursos da própria comunidade cristã, diferente do diabo. Assim, satanás, na narrativa do Livro de Jó, parece ter uma relação bem peculiar com Deus, não sendo ele seu inimigo, mas um agente para testar a fé de Jó, seu servo Jó. Então, o Livro de Jó, que se configura em uma teologia do sofrimento, em que o verdadeiro conflito não é entre o Deus e satanás, mas entre Deus e Jó, Deus testando a fé de seu servo, dar permissão a satanás de tocar na vida de Jó, mas sem matá-lo (FERRAZ, 2014).

Outro episódio que ressalta esse caráter voraz, são as pragas do Egito, narrado no Livro Êxodo. Na narrativa, se desenha um combate cósmico entre o Deus dos hebreus e os deuses do Egito por demonstrações de poder. E Deus, para mostrar seu poder e garantir que seu povo fosse liberto pelo Faraó, aos poucos assola o povo egípcio com dez penosas pragas que se estenderam desde a transformação da nascente do rio Nilo, em puro Sangue, até a última e mais cruel delas, a morte dos primogênitos.⁴

Se formos atentos veremos que, no Velho Testamento, literalmente, não há espaço para um diabo destruidor e praguejador reinar no submundo, pois Deus é a graça e a destruição, somente dele provém todo o bem e todo o mal. No Velho Testamento as aparições de satanás não são anunciadas como um inimigo dos céus, mas um colaborador que age, unicamente, conforme a vontade de Deus. Por isso, o Velho Testamento e a antiguidade não conheceram o diabo. Satanás não tem um papel fora do grande roteiro cósmico onde há, apenas, um único polo universal que, simultaneamente, representa o bem e o mal, Deus.

É somente no Novo Testamento que satanás rasga as páginas deste roteiro e se desprende das vontades divinas. O momento do nascimento da religião cristã, é, também, o nascimento do diabo enquanto inimigo confesso dos céus.

Não era possível, portanto, o Mal ganhar uma forma, dado que o próprio Deus era superior a qualquer outra entidade. Os inimigos vizinhos, estes sim, por essência ocupavam o papel de desafiar a soberania divina, num esforço inútil de se opor a um ser que, na visão dos descendentes de Israel, era imbatível e inigualável. O que explica o Mal são os sempre duráveis conflitos com outros povos. Não é preciso, nem possível, criar uma perversidade maior do que a própria violência cotidiana, o inimigo não está na própria comunidade, está na do outro. Os deuses dos inimigos acabam se tornando os demônios do hebreu (GOMES, 2018, p. 33).

Cananeus, Amonitas, Israelitas e moabitas, eram povos que habitavam a terra de Canaã, antes da chegada e da dominação dos hebreus. Sendo politeístas, cada um desses povos trazia, em sua cultura, uma numerosa lista de outros deuses. Dessa forma, para o povo hebreu, Deus era um deus tribal que se assentava superior aos vários outros deuses dos povos estrangeiros que, naturalmente, ocuparam esse cargo de expressão natural do mal, descartando a necessidade de um subsidiário do lado maligno (o

3 Cf. JÓ 1:6-12.

4 Cf. EXÔDO 11:4-6.

diabo) para equilibrar as coisas (NOGUEIRA. 2002. p. 13).

Foi, então, no momento de triunfo da religião cristã, na charneira das duas eras, contemporâneo aos comentaristas cristãos, que satanás começou a ter aparições mais audazes, aparecendo logo no primeiro livro do Novo Testamento, o Evangelho de Mateus, onde é narrada a tentação de Cristo, assim como, também, em Lucas, Efésios, João, Hebreus... Na verdade, satanás é citado, diretamente, em quase todos os livros do Novo Testamento, sempre sob o estigma do inimigo e do mal, sendo capaz, até mesmo, de possuir pessoas e causar-lhes terríveis aflições.

Sendo assim, os livros do Novo Testamento, cuja autoria é atribuída aos apóstolos do Cristo, são neles que primeiro lemos narrativas sobre o diabo como oposição à Deus. Então, podemos indagar: por narrarem o diabo na forma como o fazem, foram eles, os chamados Evangelistas, através de suas obras, ou seja, dos Evangelhos, os inventores do diabo enquanto inimigo, causa primordial do combate espiritual, entre o bem e o mal, que marca as práticas cotidianas e, portanto, a própria condição humana. É no Novo Testamento que surgem os combates espirituais entre as forças do céu e as forças do inferno, ou seja, dois polos universais, o bem e o mal, prescindiram de duas entidades diferentes, Deus e o diabo, respectivamente.

Precisaram, assim, casar a história da serpente com a do rebelde, do tirano, do tentador, do sedutor concupiscente e do dragão todo poderoso. Um autor declarou recentemente que a vitória do cristianismo neste domínio consistiu em tomar emprestado um dos mais importantes modelos narrativos do Oriente Próximo: o mito cósmico do combate primordial entre os deuses, que tem na condição humana seu desafio fundamental. Esta versão pode, segundo ele, ser assim resumida: um diabo rebelde ao poder de Jeová faz da terra uma extensão de seu império para nela reinar pelo poder do pecado e da morte. “Deus deste mundo”, como o denomina São Paulo, ele é combatido pelo filho do Criador, o Cristo, por ocasião do mais misterioso episódio da história cristã, a Crucificação, que combina uma derrota e uma vitória simultâneas. A função de Cristo no decurso dessa luta, que só terminará no fim dos tempos, é ser o libertador potencial da humanidade, em confronto com Satã, seu adversário por excelência (MUCHEMBLED, 2001, p. 19).

Os motivos pelo qual o diabo, inimigo primordial dos cristãos, foi criado, se faz aparente quando entendemos que o grande duelo cósmico entre o bem e o mal, diferente dos difíceis tempos de Josué, não se davam mais entre o todo poderoso Deus e entidades de outros povos, pois, depois do sacrifício de Cristo, passara a se traduzir em um conflito interno e individual dos cristãos, conflito entre a vontade dos sujeitos contra tudo que representasse o pecado e os vícios. É um duelo dos sujeitos contra seus desejos, especialmente os desejos mais profundos. Assim, o diabo entra em cena, justamente, para trazer tentações e armar armadilhas para que os homens, através do pecado, se distanciem de Deus que, por sua vez, representa a única esperança dos cristãos contra o diabo e seu reino de pecados. Então, o diabo é necessário para que Deus, nesse cenário, se faça imprescindível. São dois signos que, nessa narrativa, só encontram sentido um no outro (LINK, 1998, p. 22).

Essa apropriação por parte do cristianismo de idéias [sic] e cerimônias emprestadas às religiões politeístas tem a sua contrapartida no delineamento mais límpido de sua teoria demonológica. Tudo o que ele repeliu energeticamente como demasiadamente pagão, como contrário a seus dogmas, como impuro e ímpio, refugiou-se no reino do Mal. Aos demônios foram emprestadas as imagens que os antigos atribuíam às suas divindades infernais (Nogueira, 2002, p. 36).

Se é o Novo Testamento que delega ao diabo o cargo do mal, foram as Igrejas, Católica e Protestantes, que lhe atribuiu um arsenal de máscaras que lhe permitiram atuar como representante máximo do mal.

Em meio a tantas religiões politeístas, com suas respectivas deidades, os cristãos subjugavam à todas elas, relegando seus seguidores à condição de pagãos, pois, como é dito em Romanos 14:23, “[...] e tudo o que não provém de fé, é pecado”. Dessa forma, não é difícil entendermos como o diabo ganhou tantos rostos e nomes diferentes, usado como elemento discursivo para invalidar crenças e deuses como pagãos. Assim, tudo o que era rejeitável e representava o mal era facilmente associado ao diabo. Cordeiro (2012), em seu trabalho “‘in sorte diaboli’: a prática de demonização do cristianismo medieval”, nos explica como ocorre esse movimento de fusão dessas figuras de outras religiões com o diabo.

Quando falamos em processo de conversão e cristianização nós falamos diretamente de dois processos diferentes e com meios diferentes, apesar de semelhantes. A conversão indica uma mudança total e, de certa forma ou em alguns aspectos, imediata, ou seja, quando falamos de conversão de certa região estamos comentando uma mudança total de tal perímetro sem mantimento dos traços das tradições anteriores “que implica uma metanóia completa e absoluta, com o abandono radical de todas as crenças anteriores”. Mas, no caso do termo cristianização, vemos que deve ser aplicado ao confronto, ao contato com religiões divergentes a que se pretende cristianizar, mas nesse caso os elementos da religião divergente influenciam no dogma cristão e podem ser apenas a sobreposição “híbrida ou não de uma religião sobre outra”. Em suma, temos a conversão como um processo que indica totalidade e não relação com a outra cultura no modelo dogmático, já o outro termo, indica um momento de mudança e conflitos culturais, um momento de disputa pelo “território” ideológico que resultam em uma fusão cultural e troca de influências (CORDEIRO, 2012, p. 01).

No Concílio de Latrão, no ano de 1215, o diabo é oficialmente reconhecido pela Igreja Católica, junto de suas legiões de demônios, como criaturas criadas por Deus em seu propósito divino e misterioso. Mas, antes disso, nos primeiros concílios de Toledo, ocorridos nos últimos anos do século IV, o diabo era, minuciosamente, descrito como um ser composto por chifres, pele preta ou vermelha e possuidor de um tridente.

É curioso pensar que, cada uma dessas características, que forma esse ser no imaginário cristão, tenha sido tomada emprestada de outras culturas, de modo a compor a máscara de grande inimigo da humanidade, haja vista que não há nenhuma passagem bíblica que o retrata dessa forma. Pensemos, então, por que a Igreja, em seus concílios, discursos e bulas, retratava uma forma física do diabo, cuja finalidade parece ser, unicamente, a de inspirar o medo.

Partindo do pressuposto de que a Igreja Católica estabeleceu, através de um caótico processo de sincretismo, os esboços do que seria o diabo, podemos inferir que a mente dos pintores (cristãos) que veremos a frente, achava-se preenchida com os sentidos, formas e cores que representavam a citada entidade imagética. Assim, do ponto de vista visual, podemos concluir, também, que há todo um elo entre a representação artística, a pintura, e o imaginário cultural coletivo da época na qual a obra foi concebida, esse elo é o que nós iremos explorar no tópico a seguir.

3 EFÍGIES DIABÓLICAS

A imaginação humana é capaz de produzir grandes horrores. Na dimensão do imaginário, demônios e seres pairam tenebrosos como em nossos piores pesadelos. Mas, essas criaturas encontraram, em um ato antropológico, que diremos genuinamente humano, uma ponte de acesso para o mundo real. O ato que as civilizações, desde as mais antigas, tinham de dar rosto aos seus deuses e demônios, criar ídolos, esculpir seus rostos em templos ou em pequenas miniaturas destes, reconfigurava a presença daquele ser que, imaginariamente, passaria a se fazer presente de maneira simbólica e prática na vivência religiosa e social das pessoas que passaram a reconhecer no diabo um adversário de suas venturas, um escultor de seus infortúnios.

Durante os séculos XII-XVII a obsessão diabólica contribuiu, sobretudo, para o florescimento na Europa de uma destacável produção artística que visava representar a figura de Satã e, desse modo, refletir a mentalidade e o imaginário social existente. Satanás deixava de ser uma figura espiritual e passava a ter um aspecto físico nas esculturas e nos afrescos das igrejas e catedrais, e, por consequência, no mundo (RENATO, 2008, p. 7).

De acordo com Minois (2003), no início do século XII, o diabo foi oficialmente reconhecido pela Igreja Católica, cuja certidão foi, por assim dizer, concebida no Concílio de Latrão. Foi nesse contexto de reconhecer o diabo e suas legiões como inimigo de Cristo que os dirigentes da Igreja viram uma necessidade de sistematizar, imagetivamente, a figura do diabo, anunciando que o mal estava muito próximo e precisava ser combatido.

A Igreja, a única que tinha autoridade sobre os assuntos religiosos, passou a endurecer os discursos sobre danação e salvação⁵ e sua adjacência com o pecado, ao mesmo tempo em que passa a patrocinar artistas para produzirem obras de artes e afrescos que fossem a representação do inferno, do diabo e de seus demônios, de maneira que exprimissem, ao máximo, o poder diabólico que poderia demarcar o triste fim das almas dos condenados. Tal imaginário acentuava, nos fiéis católicos, o sentimento de medo de uma vida de pecados, assim como estreitava, ainda mais, o discurso dualista entre Deus e diabo, paraíso e inferno.

O poder real teve então necessidade do Diabo para aterrorizar os seus inimigos e justificar suas cobranças, e o Papa ofereceu-lhe então suas bulas para o satisfazer. A nível elevado onde se tomam as decisões, o Diabo é uma ficção de propaganda que não serve senão para justificar os desígnios tenebrosos ou francamente crápulas dos príncipes. Se alguma vez reis ou papa tivessem acreditado verdadeiramente no Diabo, ele teria, para começar, ficado assustado pela sua própria infâmia. O Diabo era um espantalho para uso da plebe e, paradoxo amargo, a ficção deste Príncipe do Mundo servia, com efeito, para conquistar o mundo. Como na Mesopotâmia e no Irã, a religião era um instrumento do poder político. O Papado, há que recordá-lo, era então também um poder temporal. Ora, este poder é exercido tanto mais facilmente quando o povo é mantido num estado de ignorância, logo, de superstição e de irracionalidade (MESSADIÉ, 2001, p. 351).

5 Danação e salvação configuram a mais eficiente e coercitiva estratégia de chantagem e controle social aplicado pela Igreja na Idade Média, o medo do pós-vida, de não ter uma boa morte, de ser torturado no inferno. Estar longe dos dogmas da Igreja significava a danação eterna no inferno, ao passo que uma vida guiada pelos dogmas da Igreja significava a salvação no paraíso. Eram essas as bases do jogo mental proposto pela Igreja aos seus fiéis.

Assim como um espantalho, o diabo precisava, assustar, ocasionar desconforto visual para quem olhasse/imaginasse suas representações imagéticas que, uma espécie de instrumento de poder que invocava medo e controle social. A arte foi, assim, a principal ferramenta para disseminação do medo e do terror, elementos psicológicos basilares para a construção e disseminação, desse imaginário. As imagens têm, portanto, uma ampla capacidade de penetração no imaginário dos sujeitos. Foi através do uso contínuo dessas imagens que a Igreja Católica moldou o imaginário das pessoas, especialmente de seus fiéis.

A arte foi a ferramenta escolhida tanto por sua capacidade de inserir-se no imaginário por meio de imagens, as quais denotam identidade ao observador, como pela falta de uma população letrada que pudesse ler e compreender as escrituras sagradas. Desse modo, nos séculos finais da Idade Média e, com grande potencial, na Renascença, a arte tornou-se o meio de expressão, divulgação e difusão dos poderes nefastos do Maligno, contribuindo para moldar o imaginário popular sobre os terríveis perigos de uma vida que fosse contrária aos ensinamentos da Igreja e de seu código moral e, desse modo, do contexto cultural da época, além de ser uma ferramenta útil de coerção individual e social (RENATO, 2008, p. 11).

Produzidas no fim do medievo e no período renascentista, a partir do conluio entre a Igreja Católica e ilustres artistas, como Giotto, Bosch, Signorelli, Dante Alighiere, Michelangelo, Michael Pacher, Fra Angelico, Giovanni Fallopi, entre outros, as efígies diabólicas foram ferramentas necessárias para um empreendimento de reconfiguração do imaginário popular que passou a influenciar não apenas a sociedade europeia, mas, de resto, toda a cultura ocidental, como nos esclarece Ricardo da Costa: “Imaginar os tormentos do Inferno (e o dia do Juízo Final) exerceu sobre as mentes de então um poderoso efeito civilizador. Fez parte da construção da civilização ocidental” (COSTA, 2019, p. 298).

Depois de procurarmos apresentar, mesmo que de maneira breve, as conexões existentes entre imagem e imaginário, seguiremos nossa análise pela interface entre a História e as artes visuais, utilizando, para isso, dois métodos de análise, a iconológica e a iconográfica, que ganharam espaço na escola de Warburg, na Alemanha. Jordana Eccel Schio nos explica, com propriedade, a utilização desses métodos para a produção historiográfica.

Esses dois termos ganham espaço na Escola de Warburg, nos anos que antecedem a ascensão de Hitler, com teóricos como Aby Warburg (1866 – 1929) e Erwin Panofsky (1892 - 1968). Panofsky emigrou para os Estados Unidos em 1933, e seis anos depois, em 1939, publica um ensaio onde apresenta os três níveis de interpretação que devem ser aplicados a uma imagem com a intenção de lê-la. O primeiro nível é a descrição pré-iconográfica, onde se devem identificar os objetos e que tipo de evento é representado, como, por exemplo, uma batalha, uma festa, um julgamento, entre outros. O segundo nível da análise iconográfica corresponde ao significado relativo, no caso dessa pesquisa, um evento bíblico que ainda não aconteceu, a vinda de Jesus e o Julgamento das almas. O terceiro e principal nível é a análise iconológica da imagem analisada, o momento em que se buscam na cena os significados intrínsecos. Assim, uma abordagem iconográfica e iconológica das fontes é importante para o historiador entender o comportamento, as práticas e as representações de um determinado grupo social em um determinado recorte temporal (ECCCEL, 2018, p. 3).

Quando da análise iconológica, na qual buscaremos interpretar o sentido dos elementos presentes nas obras de arte, poderemos vislumbrar o imaginário dos sujeitos da época. Metodologicamente,

nossa posição será como a de um ladrão que, diante de uma grossa porta de carvalho escuro, procura espiar o quarto pelo buraco da fechadura. Traduzindo à metáfora, através dos detalhes das obras de arte, buscaremos entender como essas imagens são, também, pontes de acesso ao imaginário da época em que elas foram produzidas.

Para ocasião deste trabalho, decidimos por recortar apenas duas, das quatro imagens, analisada na pesquisa da qual deriva este artigo.

Figura 01: Anjos rebeldes em queda, ante o diabo na forma de um dragão no apocalipse de Trier.



A imagem acima, encontrada em um manuscrito do Apocalipse bíblico, amplamente ilustrado com iluminuras, foi publicada pela BBC News, no ano de 2018.⁶ Como nos diz Edin Sued, nesta matéria, seja, “talvez, a mais antiga representação dos demônios de que se tem notícia.” A matéria da BBC nos informa que essa arte foi produzida por volta dos anos 800 e 825, período que antecede a grande obsessão diabólica que paira sobre os primeiros séculos do segundo milênio.

Na imagem podemos ver um grupo de anjos no canto superior direito que estão derrubando outro grupo de anjos junto de um dragão com asas, representando a já citada passagem apocalíptica: “Houve então uma guerra nos céus. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão [...]. O grande dragão foi lançado fora [...]. Ele e os seus anjos foram lançados à terra” (APOCALIPSE, 12:7-9).

Essa efígie diabólica, no grande roteiro cósmico, representa o momento de triunfo do bem sobre o mal. A vitória do céu contra o diabo pode nos ser estranha, pois não traz o elemento do feio e do terrível para representar o diabo, haja vista a pintura ser a representação de um grande dragão, com asas em suas costas iguais as dos outros anjos. Os dois grupos de anjos, os caídos, aqui chamados de demônios, e, os anjos de Deus, tem aparências iguais, o elemento que os difere é a ausência da aréola naqueles caídos, denunciado a perda de vínculo com o divino.

Concluimos que essa face do diabo não inspira o terror, não gera o medo sobre o pós-morte e, o mais importante, resguarda ao diabo um rosto bíblico e elementos de semelhança com os outros

6 BBC news. Como o Cristianismo moldou a figura de Satanás para combater outras religiões. (8 de agosto de 2018). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45108192>. Acesso em 1 de abril.

anjos, bem como resguarda a face dos demônios que caíam junto do dragão. Nenhum deles possui chifres, ou algum outro elemento de uma estética infernal, que vem a compor tão fortemente as faces analisadas a seguir. Como, então, o diabo passou a ter o rosto medieval, capaz de aterrar o medo nas pessoas até os dias de hoje.

Segundo as narrativas bíblicas, o Príncipe das Trevas não foi imaginado pictoricamente assim. Nela, Satanás se assemelhava à serpente do Gênesis ou ao dragão do Apocalipse, mas também era identificado com o anjo decaído Lúcifer. Desse modo, o que levou os artistas a representarem Satã como um ser proteiforme foi tanto a orientação da Igreja – que enfatizava que a fealdade espiritual de Satã deveria ser representada pela correspondente aparência física monstruosa – bem como pela existência de um imaginário popular composto com os traços das antigas tradições locais (RENATO, 2008, p. 10)

Figura 02: O Juízo Final - Fra Angelico (1431).



O afresco produzido pelo monge italiano Fra Angelico, no período renascentista, precisamente no ano de 1431, se encontra hoje no museu de São Marcos, na cidade italiana de Florença. De todas as figuras reunidas neste trabalho monográfico, essa nos parece ser a mais completa no que tange a representação do imaginário religioso do período em questão, pois ela é repleta de detalhes acerca da mentalidade religiosa cristã, sobre a vida depois da morte no mundo terreno.

No centro da imagem, e acima de todos, está Cristo, com toda sua magnificência, cercado por anjos. Ao seu lado, vários santos sentados admiram sua luz. Ao centro, em um plano mais abaixo, vários túmulos abertos fazem uma separação de dois cenários. Ao lado direito do Cristo, vemos as pessoas salvas e anjos se regozijando em glória, abraçando-se e fazendo cirandas alegremente. Ao lado esquerdo, identificamos a reunião dos condenados sendo violentamente arrastadas por demônios a golpes de tridentes para uma caverna, onde o diabo e seus demônios as torturam de diferentes maneiras.

Do ponto de vista iconológico, torna-se evidente o elemento da dualidade, pois a pintura é perfeitamente dividida ao meio, traçando um forte contraste entre o paraíso e o inferno, bem como é narrado em Mateus (13:49): “Assim será na consumação dos séculos: virão os anjos, e separarão os maus de entre os justos”. Do lado direito, reservado aos justos e salvos, estes estão alegres, gozando da boa-morte em um lugar de luz e paz, como se tivessem encontrado um tesouro no campo: “Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai” (MATEUS, 13:43). Do lado esquerdo, vemos os condenados, os feiticeiros, os hereges, os apóstatas, aqueles que viveram a vida do pecado sendo submetidos aos mais cruéis castigos e tormentos. “Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos o lugar deles será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte” (APOCALIPSE 21:8). Analisando as roupas dessas pessoas, podemos ver reis, plebeus e nobres entre os condenados, ou seja, todos estavam sujeitos ao julgamento final, os títulos terrenos nada importavam dentro da grande lógica divina.

Dentro da caverna, na representação do inferno, há sete repartimentos diferentes para representar os sofrimentos escatológicos. Em cada um desses repartimentos, as pessoas estão sendo submetidas a terríveis castigos pelos demônios; e, no nível mais baixo, ou seja, nas profundezas do inferno, está o nosso protagonista, dentro de caldeirão borbulhante onde pessoas cozinham, ele ser o maior ser do inferno denota o seu poder dentre outros demônios que parecem estar ali, também, para servi-lo, além de castigar aquelas pessoas. O diabo aparece como um grande monstro humanoide, todo preto, tendo, em cada uma de suas mãos, garras dispostas para prender uma pessoa, seus olhos são dois pequenos e opacos orbs brancos, dois chifres em sua cabeça e sua grande boca que parece mastigar pessoas que se banham em sangue enquanto são desmembradas, exprimindo o máximo de horror que o inferno podia apresentar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os homens, o inferno e o paraíso representavam, e para muitos ainda representam, duas possibilidades no pós-morte, a vida e a luz, de um lado, e, a escuridão e morte do outro. Os detalhes do inferno e dos castigos despertavam o imaginário dos sujeitos, impondo-lhes o temor de ter aquele miserável fim.

É possível notar uma sistematização de elementos que representam nossa personagem nesse período, elementos esses que, como já antes esclarecido, foram apropriados de outros deuses, de diferentes culturas, para compor a face do diabo e representá-lo junto com sua legião de demônios. Esse foi o movimento da Igreja Católica para dar um “rosto” ao diabo e transformar o inferno em um espaço circunscrito onde reina o sofrimento. Assim, ao lembrar dos horrores do inferno, homens e mulheres deveriam temê-lo, procurando, ao mesmo tempo, afastar-se do pecado, devotando-se à fé católica-cristã.

REFERÊNCIAS

- CORDEIRO, José Lucas Fernandes. “In sorte diaboli”: A prática de demonização do cristianismo medieval. **Anais do III Seminário Internacional História e Historiografia**. X Seminário de Pesquisa do Departamento de História - UFC Fortaleza, 01 a 03 de outubro de 2012
- COSTA, Ricardo. **Ali haverá pranto e ranger de dentes O Inferno na Arte e na Filosofia da Idade Média**. Santo André, Armado. 2019.
- ECCEL, Jordana Schio. **A iconologia do opositor: o diabo nas pinturas do último julgamento**. UFMS. 2017.
- FERRAZ, Salma. Os Marginais na Bíblia: Lúcifer e Madalena. **Estação literária**, Londrina, Volume 12, p.143-164, Jan. 2014.
- GOMES, Rafael dos Santos. **Qual a face do mal? As concepções sobre o diabo na historiografia contemporânea**. Orientador: Prof. DR. Bruno Gonçalves Alvaro. 2018. 68 f. TCC (Graduação) - Licenciatura em História. Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- LIMA, Francisco Wellington Rodrigues. **As representações do diabo no teatro vincentino e seus aspectos residuais no teatro quinhentista do padre José de Anchieta e Ariano Suassuna**. Dissertação mestrado, UFC. Fortaleza, 2010.
- LINK, Luther. **O Diabo: A máscara sem rosto**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MESSADIÉ, Gerald. **História geral do diabo da antiguidade à época contemporânea**. Publicações Europa/América. 1993.
- MINOIS, Georges. **O Diabo: origem e evolução histórica**. Lisboa: Terramar, 2003.
- MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do diabo**. MAUAD, Jan. 2002.
- MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do diabo**. MAUAD, Jan. 2002.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Ferreira. **O diabo no imaginário cristão**. 2ª edição. Bauru, São Paulo. EDUSC, 2002.
- RENATO, Marcos Holtz de Almeida. O Diabo e a Indústria Cultural: as diversas faces da personificação do mal nas telas de cinema. **Revista Nures** no. 16, Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica – SP. Setembro/Dezembro 2010
- RYRIE, Charles C. **A Bíblia anotada: edição expandida / Charles C. Ryrie**. - Ed. rev. e expandida - São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. 1504p.
- VISSIÉRI, Laurent. Personagem em metamorfose. **História VIVA**: sob a sombra do diabo. p.8-9. 2008.

Sobre o autor

Davi Silva Franco – Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará, campus da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM). E-mail para contato: davisttinsson@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5580936155265154>

Como citar

FRANCO, D. S. As Faces do Diabo: os “rostos” por trás das máscaras. CENTÚRIAS - Revista Eletrônica de História, Limoeiro do Norte, v. 1, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/centurias/article/view/11608>. Acesso em: 08 dez. 2023.